



**O RESGATE DE UMA MEMÓRIA: A VISÃO DE UM ALUNO ACERCA DA
HOMOAFETIVIDADE EM UM DEBATE ESCOLAR**

Marildo de Oliveira Lopes¹
Marcia Helena de Melo Pereira²

INTRODUÇÃO

A discussão do tema *orientação sexual* na escola tem gerado bastante controvérsia na sociedade brasileira atualmente. Há quem afirme que a escola é o lugar de se ensinar habilidades básicas como ler, escrever, fazer contas e aprender alguma profissão, enquanto a família deve se encarregar de ensinar outras questões, como as relacionadas à sexualidade. Outros já defendem a ideia de que a escola deve ter como preocupação, além dessas habilidades básicas, a formação integral do ser humano, e que abordar questões de gênero é formar para o exercício do respeito à diversidade, à liberdade, à solidariedade e à dignidade humana. Recentemente, o Ministério da Educação (MEC) suprimiu da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) para o Ensino Infantil e Ensino Fundamental o termo *orientação sexual*, que era utilizado para estimular o respeito às diferenças e o combate ao preconceito. Percebe-se, no atual momento histórico no Brasil, uma forte militância em favor do boicote à discussão de questões de gênero, haja vista que tramita, no Congresso Nacional, o Projeto de Lei (doravante PL) chamado Escola sem Partido, amplamente apoiado pela bancada evangélica, que objetiva extinguir da escola discussões acerca de questões de gênero, orientação sexual e identidade sexual. Se sancionado, esse PL impedirá que professores promovam debates que abordem esses temas.

Interessados em investigar o gênero discursivo *debate* e questões ideológicas materializadas nesse gênero, este estudo objetiva analisar a memória discursiva nos argumentos de um aluno participante de um debate realizado em âmbito escolar, que tem como um de seus temas controversos a homoafetividade. Assim, conforme já

1 Mestre em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGLin/UESB – Brasil). Endereço eletrônico: marildolopes@hotmail.com

2 Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Atualmente, é professora adjunta do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e docente do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin-UESB), campus de Vitória da Conquista, (PPGLin/DELL/UESB – Brasil). Endereço eletrônico: marciahelenad@yahoo.com.br



pontuamos em estudos anteriores, compreendemos que “a linguagem é atravessada pelo extralinguístico: a história, a ideologia e o inconsciente, conforme defende a Análise de Discurso de linha Francesa (doravante AD), cujo precursor é Michel Pêcheux (1997, 2012)” (LOPES; PEREIRA, 2016, p. 2), disciplina interessada no sentido, e que foi influenciada pelo materialismo histórico, pela releitura de Karl Marx realizada por Althusser, pela linguística saussuriana, pela teoria do discurso (que se interessa pela construção do sentido na relação da materialidade linguística com sua exterioridade, como a história e questões ideológicas e pela teoria da subjetividade de Lacan.. Embasados nos postulados da AD francesa, Lopes e Pereira (2016, p. 3) afirmam que memória discursiva são “discursos já ditos antes que mantêm relações com um acontecimento discursivo atual – reativado no momento de um acontecimento histórico, também atual”. Fonseca-Silva (2007, p. 23, grifos da autora) explica que memória discursiva é um conceito advindo de Courtine (1981), no qual o enunciado possui uma existência histórica, sendo “tomado no *tempo longo de uma memória*, e as formulações, no *tempo curto da atualidade de uma enunciação*”. Segundo essa autora (2007), a atualidade do acontecimento evoca a memória. O sentido para a AD não é da ordem do óbvio, mas da ordem do simbólico e do ideológico. A língua está sujeita à falha, ao equívoco, aos deslizamentos de sentidos e ao efeito metafórico, por isso o sentido nunca está pronto (GADET e PÊCHEUX, 2004, p. 55). De acordo com Pêcheux (2012, p. 122) “as palavras podem mudar de sentido de acordo com as posições sustentadas por aqueles que as empregam”. Logo, estudar as filiações ideológicas desempenham um papel imprescindível na análise do sentido da materialidade linguística. Outro elemento que interpela os sujeitos e os discursos é o inconsciente, que segundo Pêcheux (1997, p. 300), manifesta-se “sob mil formas (o lapso, o ato falho, etc.) no próprio sujeito, pois os traços inconscientes não são jamais apagados ou esquecidos. A AD postula um sujeito, que apesar de não estar amarrado, imóvel, é um sujeito assujeitado, atravessado pela ideologia, pela história e pelo inconsciente (SILVA, 2003, p. 458).

METODOLOGIA

Este estudo parte de uma recente investigação realizada no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UESB³, na qual discutimos características dos três pilares

3 A investigação à qual nos referimos foi realizada durante o curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) da UESB, sob o título: *O gênero discursivo debate em cena: argumentação, ideologia e interação em aulas de língua portuguesa*, dissertação defendida em 17 de fevereiro de 2017.



do gênero debate (estrutura composicional, conteúdo temático e estilo), abordando questões argumentativas, interacionais e ideológicas do gênero. Com base em Dolz, Schneuwly e Pietro (2011), nomeamos o debate que realizamos da seguinte forma: *debate público regrado deliberativo*, o qual ocorreu dentro de um júri-simulado, cujo objetivo era escolher, dentre seis casais candidatos, o casal mais adequado para adotar uma criança (representada, por uma boneca). O debate aconteceu em aulas de Língua Portuguesa, em uma turma de primeira série do Ensino Médio, com a participação de trinta e três participantes, divididos da seguinte forma: uma Juíza, um Oficial de Justiça, uma Conselheira Tutelar, seis casais candidatos à adoção de uma criança abandonada (cada um com um perfil previamente escrito e lido para a classe), seis advogados, sete jurados e cinco membros da equipe assistente. Para viabilizar o debate, realizamos uma sequência didática, com o intuito de ajudar os alunos a se apropriarem do gênero (Dolz, Noverraz e Schneuwly, 2011). O debate possui seis turnos de argumentação (cada um composto de argumento inicial, réplica e tréplica). Cada turno de argumentação visava apresentar um casal candidato, a proposta argumentativa do advogado defensor do casal e a refutação do advogado de um outro casal (selecionado por meio de sorteio). Os perfis dos casais suscitavam tópicos discursivos controversos. Há um casal homoafetivo, um casal no qual o esposo é usuário de maconha, um casal de evangélicos fervorosos, um casal que trabalha muito, um casal de negros (a criança era branca) e um casal de idosos. O debate foi gravado em áudio e vídeo para fins de transcrição. Uma semana após o debate e após termos assistido à gravação, entrevistamos os seis alunos que foram os advogados (os debatedores), a fim de verificar se as ideias esboçadas durante o processo argumentativo condiziam com os reais pontos de vista desses alunos. As entrevistas foram gravadas em áudio. Após a realização da transcrição de todos os dados com o auxílio do programa *Audacity*, iniciamos a análise.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para a investigação que ora apresentamos, realizamos um recorte e temos como foco apenas o primeiro turno de argumentação de nosso debate regrado deliberativo, que tinha no centro de discussão o casal Júlia e Vera, casal homoafetivo, que já conviviam maritalmente há dez anos. Para ilustrar a evocação da memória discursiva ou interdiscurso, apresentamos o excerto (01) que é a parte final da réplica do advogado V.L. ao Advogado



D.B. (defensor de Júlia e Vera). Vejamos:

(01)

[...] quero ler aqui a constituição... que diz que, artigo 1511: “entende-se por casal homem e mulher”. Nada mais a dizer.

Diante do posicionamento, no debate, do advogado V.L., contrário à adoção de Isabela pelo casal homoafetivo, decidimos perguntar ao aluno que representou esse papel, em entrevista conduzida uma semana após o debate, qual era o seu real ponto de vista sobre a questão. O excerto (02), contém a resposta:

(02)

Pesquisador: Você acha que casal é homem e mulher?

V.L. (em entrevista): Não. Pra meu... meus princípios casal, pra mim, é homem e mulher,

Pesquisador: E esse conceito de casamento e a união entre o homem e mulher você traz de onde?

V.L.: Da minha família, a minha família sempre me instruiu bem. Graças a Deus, eu tenho uma família que me instrui bem.

Pesquisador: Em família, o que vocês falam quando conversam sobre esse assunto?

V.L.: Minha família sempre... sempre me... me... me apoiou, me deu, me deu os caminhos certos. E, graças a Deus, eu continuo firme. Mas preconceito também não tenho nenhum. Minha família é assim: ninguém é preconceituoso. Minha família diz assim, ó: “cabe a cada um seu corpo e faz do seu corpo o que lhe... o que cabe a ser certo”. Nunca, nunca me falaram “ah, não seja” ou “seja”. Eu escolhi a minha opção sexual. Eu sei daquilo que é certo e daquilo que é errado. Minha família me instruiu bem.

O excerto (02) já apresenta questões ideológicas bem polêmicas relacionadas à homoafetividade e às uniões homoafetivas. O advogado V. L., durante a entrevista, procurou manter uma postura politicamente correta, afirmando que não é preconceituoso. Contudo, para o aluno V. L., o modelo correto de casal é a união entre um homem e uma mulher, argumento utilizado durante o debate. A entrevista de V.L. mantém interação com dois discursos anteriores. As ideologias defendidas por V.L., por exemplo, dialogam fortemente com a sua formação familiar, com os ensinamentos de seus pais (de que o correto é ser heterossexual, contudo, tolerante e respeitoso com os homossexuais). Os argumentos de V.L. acerca da homoafetividade evocam um discurso religioso judaico-cristão, que considera a homoafetividade como aberração da natureza, uma anormalidade, um pecado. Essa visão religiosa retoma o discurso bíblico Gênesis, capítulos 1 e 2, que apresenta, no



mito da criação, um homem e a mulher enquanto o modelo ideal de casal; Gênesis 19, que concebe as práticas homossexuais como pecado; Levítico 18:22, Romanos 1:26-27, 1 Coríntios 6:10 que corroboram a ideia de que a homoafetividade é uma abominação e um pecado.

CONCLUSÕES

Concluimos que os argumentos de V.L. contrárias às uniões homoafetivas evocam uma memória discursiva, retomando as orientações recebidas da família, que dialogam com a concepção judaico-cristã acerca que defende que a homoafetividade é algo errado. Isso confirma que a linguagem é atravessada pelo extralinguístico.

Palavras-chave: Memória discursiva. Debate. Argumentação. Discurso religioso. Homoafetividade.

REFERÊNCIAS

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle.; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. *In*: SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim (orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. 3ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 81- 108.

_____. SCHNEUWLY, Bernard; PIETRO, Jean-François de. Relato da elaboração de uma sequência: o debate público. *In*: SCHNEUWLY, Bernard & DOLZ, Joaquim (orgs.). **Gêneros orais e escritos na escola**. Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. 3ª ed. Campinas: Mercado de Letras, 2011, p. 213-239.

FONSECA-SILVA, M^a. Da C. Mídia e lugares de memória discursiva. *In*: FONSECASILVA, M^a. Da C. e POSSENTI, Sírio (orgs.). **Mídia e Rede de Memória**. Vitória da Conquista: Edições Uesb, 2007, p. 11-37.

GADET, Françoise; PÊCHEUX, Michel. **A língua inatingível**. Tradução: Bethânia Mariani e



Marua Elizabeth Chaves de Melo – Campinas – Ponte, 2004.

LOPES, Marildo de O.; PEREIRA, Márcia Helena de M. Entre a Cruz e a Espada: o conceito de família nos discursos da religião e da lei In: **VI Colóquio e I Instituto da ALED-Brasil Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas**, 2016, São Carlos. Trabalhos Completos ALED BRASIL. São Carlos: ALED Brasil, 2016. v.2, nº3. p.1- 14.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso. Uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orlandi [et al.] Campinas: Editora da Unicamp, 1997. _____. O discurso: estrutura ou acontecimento. Tradução Eni P. Orlandi. – 4ª edição – Campinas, SP: Pontes Editores, 2006.

_____. **Análise de discurso**: Michel Pêcheux. Textos selecionados: Eni Puccinelli

Orlandi – Campinas, SP: 3ª Edição – Pontes, 2012.

SILVA. Edvania Gomes da. **O discurso da crítica sobre os reality shows**: mídia e utilitarismo. Anais do 5º Encontro do Celsul, Curitiba-PR, 2003, p. 456-464.